

O registro rupestre do sítio de Altamira (José de Mello, Minas Gerais, Brasil)¹

Janaína F. Motta¹, Alexandra Siqueira¹ & André Prous^{1,*} 

¹Universidade Federal de Minas Gerais

*aprous80@gmail.com

O sítio rupestre de Altamira, na região central de Minas Gerais, apresenta um registro gráfico pré-histórico muito homogêneo, que corresponde a um dos estilos da Tradição Planalto. Tratam-se de figuras antropomorfas esquemáticas associadas a desenhos de cervídeos bem mais realistas. Nesta publicação, uma análise rápida da temática e das características gráficas é complementada pela reprodução completa das pinturas, a partir dos calques realizados pela equipe de arqueologia do Museu de História Natural da UFMG nos anos 1980.

Palavras-chave: Arqueologia, grafismo rupestre, Serra do Espinhaço

The Altamira rock art site, located in the central region of Minas Gerais, exhibits a highly homogeneous prehistoric graphic record, corresponding to one of the styles of the Planalto tradition. It consists of schematic anthropomorphic figures associated with much more realistic representations of cervids. In this paper, a brief analysis of the themes and graphic characteristics is complemented by the complete reproduction of the paintings, based on tracings produced by the archaeology team of the UFMG Museum of Natural History in the 1980s.

Keywords: Archaeology, rock art, Serra do Espinhaço

Introdução

As pinturas de Altamira foram descobertas por J. Garfunkel, geólogo da Universidade Federal de Minas Gerais. Pouco depois, em 1987, os autores deste texto fizeram a topografia do sítio e o calque dos grafismos (cerca de 570 pinturas). O interesse dessas figuras reside em sua homogeneidade estilística e sua pouca variedade tipológica que contrastam com o que ocorre na maioria dos grandes sítios da região onde se verifica a presença nos mesmos painéis de vários estilos da Tradição Planalto, que torna difícil identificar as características de cada um deles.

O estudo do sítio de Altamira foi, portanto, destinado a definir uma unidade crono-estilística que poderia ser a seguir identificada no meio de outros conjuntos da mesma Tradição em sítios com maior complexidade composicional.

Descrição do sítio

Altamira (19° 34' S e 43° 33' W) pertence ao município José de Melo, 60 km ao norte da capital do estado de Minas Gerais. É uma região pouco povoada e acidentada que faz parte da Serra do Espinhaço. A vegetação arbustiva e pouco densa ocupa as encostas onde aflora o embasamento quartzítico. O riacho Preto, permanente, corre em um vale pequeno, distante cerca de 1km do sítio. Subindo a encosta durante 800m a partir da estrada, ainda se encontra uma fonte que fornece água para quem sobe para o sítio. É preciso andar pelo menos 50 minutos com passo rápido para subir do riacho até o sítio arqueológico que se encontra pouco abaixo da linha de crista, a 1300m de altitude.

Muito estreito, o abrigo é formado por uma parede de quartzito que domina uma estreita plataforma; esta mede 24 m de comprimento e 2,5 m de largura, terminando-se

¹Este texto é uma tradução (realizada por A. Prous em 2023) daquele publicado na França em 1987 na forma de microfichas por Motta, Siqueira & Prous "Les oeuvres rupestres du site d'Altamira, José de Melo, Minas Gerais -Brésil", Paris, Musée de l'Homme, Institut d'Ethnologie. Archives et Documents, Micro Editions, R. 87 039430.

ao norte por um cone de dejeção. Aberto para oeste, o abrigo recebe o sol durante toda a tarde e parte da manhã. A ausência total de vegetação torna a permanência no sítio difícil em razão do sol, cujos raios ainda reverberam na parede. O chão rochoso e a pouca sedimentação arenosa indicam que uma escavação seria infrutífera, e nenhum material arqueológico foi encontrado em superfície, com exclusão de poucos grãos de pigmento vermelho.

A pouca largura da parte plana, a exposição ao calor do sol, a falta de água e de vegetação protetora ou que permita cortar galhos para construir abrigo artificial tornam improvável uma parada prolongada no local. Parece que tenha sido utilizado apenas para servir de suporte às pinturas, no contexto de alguma atividade ritual.

A alteração das pinturas é acelerada pela exposição ao intemperismo e ao fato de que vacas chegam por vezes ao abrigo, esfregando-se na parede. Desta forma, as pinturas situadas mais baixo foram como que quase apagadas por uma borracha, enquanto em alguns setores, houve descamações; inclusive, uma plaqueta pintada foi encontrada no chão embora não tenhamos conseguido achar a cicatriz dela no paredão.

O registro rupestre

As pinturas se espalham cerca de 30 m ao longo do paredão. Da esquerda para a direita separamos os conjuntos gráficos e topográficos em 6 “painéis”, numerados de 0 a V. O painel setentrional, na altura do cone de dejeção, é caracterizado por pinturas esparsas num suporte vertical pouco abrigado. Diaclases separam blocos de forma paralelepípedica, alguns dos quais receberam pinturas. Indo para o sul, a parede torna-se mais regular durante cerca de 20m, sendo neste espaço que se concentra a maioria das pinturas. Esta superfície, decorada continuamente entre 0,5 e 2,3 m de altura, foi dividida de forma arbitrária em 3 painéis (I, II e V), separados uns dos outros por diaclases.

Na altura do centro deste grande conjunto, entre 3,6 e 5m de altura abre-se um pequeno abrigo de acesso difícil. As pinturas que o ocupam foram o painel III. Ao sul deste abrigo, na parede vertical, que domina o painel V encontram-se algumas pinturas altas (4 m acima do nível do chão), que formam o painel IV. É provável que tenha sido necessária alguma espécie de escada para alcançar o lugar, pois atualmente nenhuma árvore de porte suficientemente grande consegue crescer neste compartimento topográfico.

O registro rupestre de Altamira é formado sobretudo por figuras monocromáticas que pertencem à Tradição

Planalto, às quais se acrescentam alguns grafismos picoteados ou incisos, de atribuição incerta. As gravuras picoteadas são muito raras; localizadas no centro do paredão decorado, poderiam pertencer a uma Tradição distinta daquela das pinturas, às quais se sobrepõem.

Algumas incisões foram riscadas com uma lâmina (de pedra?). São traços finos paralelos entre si. Outros traços finos paralelos, verticais, foram executados na mesma região por crayon (riscos pretos). A maior parte dos pigmentos foram aplicados com pincel ou o dedo e são de cor avermelhada; outros, mais raros, são de cor amarela. As 532 figuras reconhecidas² no sítio estão distribuídas em 3 categorias:

- representações animais (zoomorfos, 30 figuras).
- representações humanas (antropomorfos), todas muito esquemáticas; totalizando 236 exemplares, costumam se agrupar em conjuntos organizados.
- grafismos aparentemente não figurativos, de formato mais o menos geométrico (266 pinturas).

Quarenta pinturas parcialmente destruídas ou ilegíveis não foram classificadas com precisão na tipologia, não podendo ser inseridas em nenhuma das 3 categorias acima.

As figuras zoomorfas

Predominam quantitativamente as representações de cervídeos; os demais quadrúpedes são menos bem definidos: poderiam ser porcos do mato e talvez tatus; há também aves e, possivelmente, peixes. Os cervídeos apresentam tamanho médio (40 - 45 cm) ou grande (70 - 100 cm); vários deles formam tríades (macho com fêmea e filhote). Alguns estão flechados e estão então frequentemente associados a conjuntos de diminutos antropomorfos esquematizados que interpretamos como evocações de caçadores (inclusive, um desses empunha o dardo ficado no dorso de um dos animais, cercado pelos demais).

Outros exemplos deste tipo de composição encontram-se em vários sítios do centro mineiro. A não ser uma única exceção, todos os veados pintados em Altamira se dirigem para a direita. O corpo dos cervídeos apresenta uma linha de contorno dentro do qual há uma série de traços longitudinais que não fecham o espaço interno. Os demais animais (quadrúpedes diversos, aves, possíveis peixes) são todos de tamanho menor (entre 10 e 20 cm); o tratamento do corpo é variado; tanto pode apresentar um contorno com preenchimento de traço quanto estar completamente preenchido por tinta, ou ainda, ser pontilhado.

² Este número não inclui quatro dezenas de manchas e vestígios ilegíveis.

Tabela 1: Grafismos por painel

Painel	Grafismo					Total de figuras
	Gravado	Inciso	Pintura preta	Pintura amarela	Pintura vermelha	
0					13 100%	13
I				4 19%	165 97,6%	169
II	2 0,98%	4 1,96%	3 1,6%	19 9,3%	176 86,3%	204
III					79 100%	79
IV					4 100%	4
V				11 17,5%	52 82,5%	63
Total	2 0,37%	4 0,75%	3 0,56%	34 6,39%	489 91,9%	532

As figuras antropomorfas

Todas elas são extremamente esquematizadas; embora tenhamos diferenciado 5 variedades, elas se resumem a um tipo único com o tronco figurado por um traço vertical, e os quatro membros por 4 traços curtos, retos e divergentes. Em raros casos, o traço vertical prolonga-se para cima (evocando a cabeça) ou para baixo (indicando o sexo).

Em sua maioria, essas figuras não são isoladas, mas compõem pares ou alinhamentos (simples ou duplos). Estes costumam ser horizontais (com os indivíduos lado a lado), porém alguns alinhamentos são verticais; neste caso, a extremidade das pernas do indivíduo de cima está quase em contato com a extremidade dos braços daquele imediatamente inferior.

Tabela 2: Variedades de figuras antropomorfas

Tipos	Atributos		
	Disposição	Cor	Localização
1 par		vermelho ou amarelo	P. 0, P. I, P. II, P. V
2 alinhamento horiz. simples		vermelho	P. I, P. II, P. III, P. V
3 alinhamento horiz. duplo		amarelo	P. V
4 alinhamento vertical		vermelho	P. III
5 nuvem		vermelho	P. I, P. III, P. V

Os grafismos não figurativos

Os mais numerosos são os “bastonetes”, que podem ser isolados ou formar alinhamentos (estes perfazem 164 conjuntos). Por vezes alternam com as figuras antropomorfas, que tem a mesma altura deles. Notam-se também 21 figuras formadas por “nuvens” ou alinhamentos de pontos. As outras categorias de grafismos não figurativos são pouco representadas e não se destacam na parede.

Tabela 3: Variedades de grafismos não-figurativos

Tipos	Variações	Cor	Localização
Bastonete		vermelho e amarelo	P. 0, P. I, P. II, P. III, P. V
Pontilhado		vermelho e amarelo	P. I, P. II, P. III, P. IV, P. V
Circular		vermelho	P. I, P. II, P. III, P. V
Formas fechadas		vermelho	P. I, P. II
Pectiformes		vermelho e amarelo	P. I, P. II, P. III
Linear 1		vermelho e amarelo	P. I, P. II, P. V
Linear 2		preto e vermelho	P. II
Linear 3		vermelho	P. II
Linear 4		vermelho	P. I, P. II
Linear 5		vermelho	P. 0, P. I, P. II
Superfície chapada		vermelho	P. III

Organização geral

A observação do conjunto pintado mostra que existe uma grande superfície central intensamente pintada (painéis I, II e V) na qual predominam os conjuntos de bastonetes e os alinhamentos de figuras antropomorfas. Os painéis periféricos são caracterizados cada um por um tema preferencial: animais no painel 0; pontilhados no painel IV; antropomorfos formando alinhamentos verticais e pequenos animais no painel III.

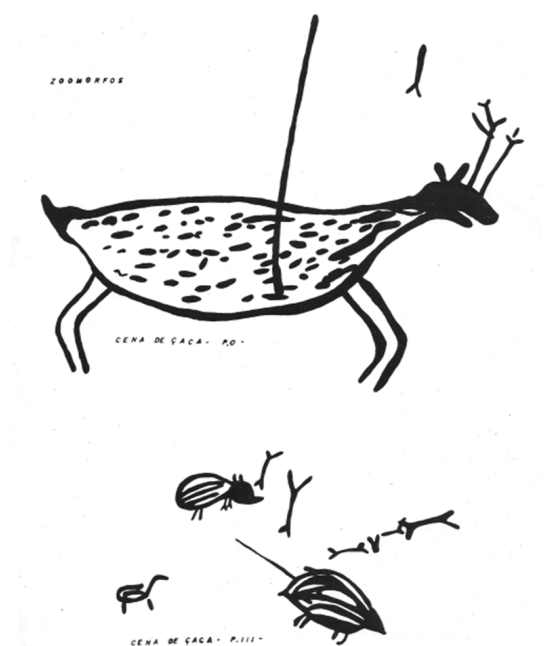


Figura 1: Cena de caça, P. III

Conclusão

Parece haver uma unidade estilística em estado “puro” no abrigo de Altamira, contrastando com a coexistência

de vários estilos (mesmo que participando eventualmente de uma mesma Tradição) na maioria dos abrigos do centro mineiro. Conjuntos de grandes cervídeos de corpo contornado associado à antropomorfos filiformes esquemáticos se encontram, por exemplo, no sítios de Santana do Riacho, na Serra do Cipó, mas sofrem a interferência de outros estilos da Tradição Planalto. Na região de Lagoa Santa, esses grandes veados caçados ocorrem também, mas sempre isoladamente, no meio de figuras pertencendo a outros estilos.

Nosso objetivo é agora retomar todas essas ocorrências e analisar sistematicamente os elementos de cronologia absoluta ou relativa nos sítios pluricomponenciais. No abrigo de Sucupira, por exemplo, o estilo acima descrito em Altamira aparece como sendo o mais antigo da Tradição Planalto (vide Prous & Paula 1979/1980); contudo, precisa-se confirmar se isto se repete sempre.

Agradecimentos

Agradecemos a Isabela Santos Veiga pela reprodução fotográfica da montagem dos registros rupestres, realizada no Centro Especializado de Arte Ambiental do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, bem como ao professor Fabrício Fernandino, pela supervisão do trabalho fotográfico.

Bibliografia³

Prous, A. & Paula, F. L. de – 1979/1980” L’art rupestre dans les régions explorées par Lund (centre de Minas Gerais, Brésil)” Arquivos do Museu de História Natural – UFMG, Belo Horizonte, 4/5: 311-334.

³Uma comunicação sobre este sítio foi apresentada na 3ª reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) realizada em Santos: Siqueira; foi publicada na Atas em 1989: Siqueira, A.; Motta, J. F. & Prous, A. “Altamira: um sítio homogêneo da Tradição Planalto”, São Paulo, Dédalo, publ. Avulsa 1: 387-296.

Imagens dos grafismos



Figura 3: Painei 0, figuras 10 a 12



Figura 4: Painei 0, figuras 3 a 10



Figura 5: Painel 0, figuras 1 e 2; painel 1, figuras 1 a 5



Figura 6: Paine 1, figuras 6 a 82

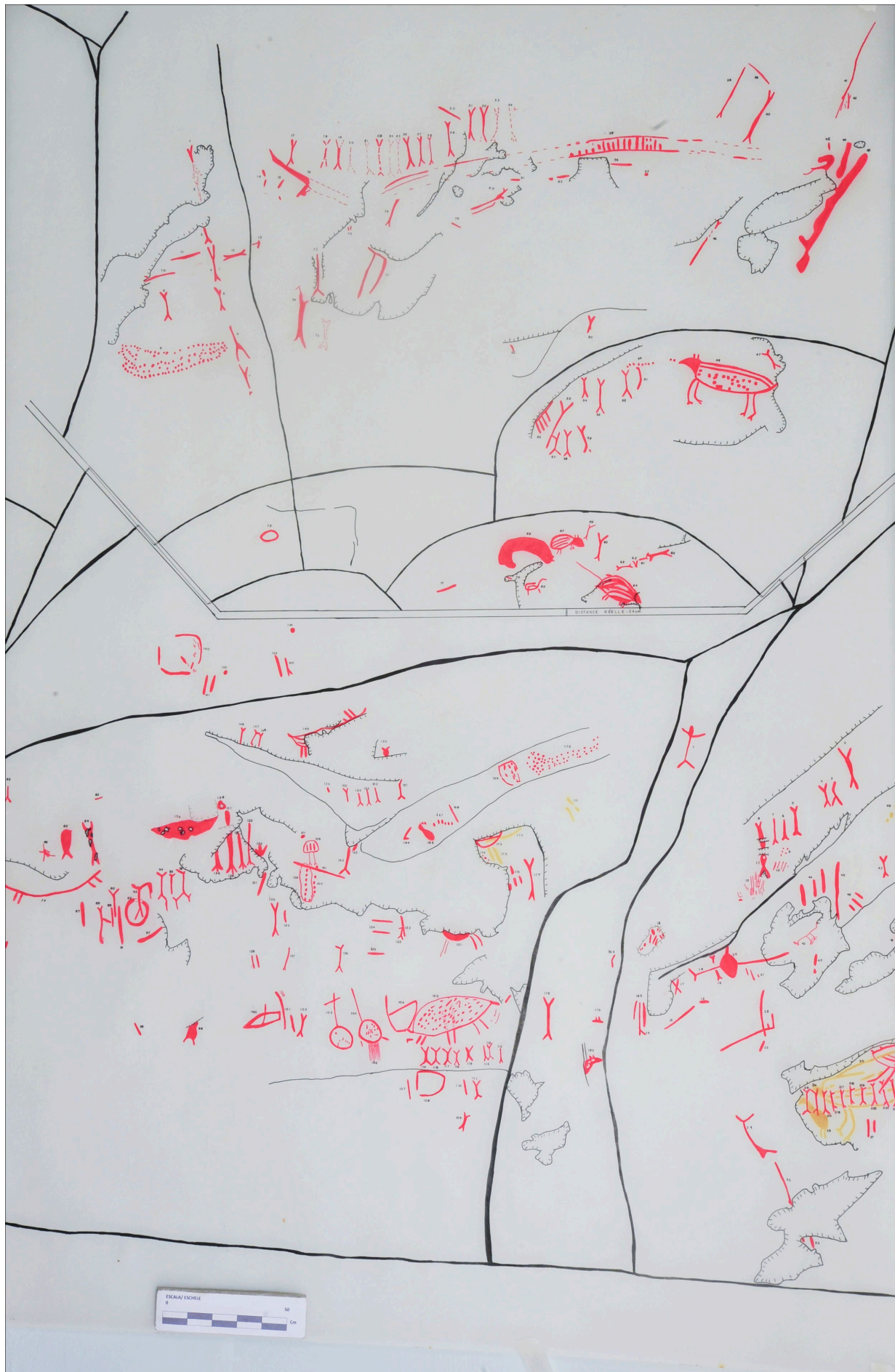


Figura 7: Painei 1, figuras 83 a 180; painei 2, figuras 1 a 49; painei 3, figuras 1 a 82



Figura 8: Painei 2, figuras 16 a 49; painei 3, figuras 38 a 48; painei 4, figuras a 60



Figura 9: Painel 4, figura 1; painel 5, figuras 1 a 40



Figura 10: Painel 5, figuras 1 a 40



Figura 11: Painei 5, figuras 40 a 70